

Entrevista a J. Gonçalves

(por Marta Cordeiro)

Marta Cordeiro (MC): Fale-nos um pouco acerca do projecto *Subway Life*.

António Jorge Gonçalves (AJG): Subway Life é um projecto que me levou a desenhar pessoas sentadas em carruagens do Metro em dez cidades, nos cinco continentes.

Tudo começou em Londres - onde residi - com um exercício que consistia em desenhar a pessoa que se sentasse à minha frente no Metro. Era um método aleatório de escolha de modelos que pretendia obrigar-me a desenhar aquilo que não podia escolher. Ao regressar a Lisboa, decidi estender o jogo a outras nove cidades: Lisboa, Berlim, Estocolmo, Nova Iorque, São Paulo, Tóquio, Atenas, Moscovo, e Cairo.

Oitocentas horas de trabalho depois, constatei que entre os mais de três mil desenhos registados nos meus cadernos era rara a repetição de postura. Apesar de os seus retratados se encontrarem numa mesma situação (sentados num comboio subterrâneo) a individualidade sobressaía sempre numa posição de mão, ou no modo de cruzar a perna. E se, por um lado, podia encontrar estereótipos dos habitantes de cada uma das cidades, por outro, existiam também indivíduos que poderiam encaixar em qualquer uma delas.

Em 2001, numa colaboração com os webdesigners Silikonski, foi criado o site que conheceu uma atenção muito particular, tendo sido premiado no FLASH FILM FESTIVAL 2002 SAN FRANCISCO e recomendado em dezenas de sites entre os quais USA_TODAY ou YAHOO_PICK OF THE DAY. Este site já recebeu milhões de visitas.

O projecto mereceu, ainda, divulgação e entrevistas na imprensa em Portugal, EUA, México, Brasil, Rússia, França, Ucrânia, Austrália, China e Japão.

A editora Assírio & Alvim publicou, em 2010, um livro em edição única numerada e assinada que reuniu uma seleção dos desenhos, complementados por apontamentos sobre cada cidade. Juntando no mesmo comboio passageiros de todo o mundo, somos convidados a viajar pela mão de um desenhador. Esta edição encontra-se esgotada.

Foi criada também uma exposição itinerante que dá a ver uma seleção dos desenhos ampliados à escala humana criando assim um efeito surpreendente de proximidade com estes desconhecidos. (<http://www.antoniojorgegoncalves.com/exhibitions>).

Vídeo booktrailer:

https://www.youtube.com/watch?v=2OpRo1O_djo

Textos imprensa:

<http://www.antoniojorgegoncalves.com/wp-content/uploads/2011/02/YpsilonSUB-WLIFE.pdf>

<http://www.antoniojorgegoncalves.com/wp-content/uploads/2011/02/timeoutSUBWAY-LIFE.pdf>

<http://www.antoniojorgegoncalves.com/wp-content/uploads/2011/02/VisaoVSUBWAY-LIFE.pdf>

<http://www.antoniojorgegoncalves.com/wp-content/uploads/2011/02/meuslivrosSUBWAYLIFE.pdf>

MC: Viajar cria desenhos, no sentido do desenho como roteiro ou mapa imaginário?

AJG: Levar uma linha a dar um passeio, como diria o Paul Klee. Sendo o desenho uma ferramenta da imaginação, é preciso lembrar que todos os mapas são imaginários.

MC: Os lugares são todos iguais? Os metros são todos iguais? Uma vez li que, num mundo globalizado, marcas como a McDonalds criam “formas de continuidade num mundo em mudança”, fazem-nos sentir sempre em casa. Os lugares são iguais e são as pessoas que mudam? Ou as pessoas também são iguais, são uma massa?

AJG: “O mundo é uma representação da nossa mente” é uma ideia da corrente budista Yogacara; deste ponto de vista tudo é igual, tudo é diferente.

MC: Num metro, cada um no seu lugar e com escassas palavras entre os utentes, vêm-se as individualidades – cada um – ou perde-se a individualidade?

AJG: Cada olhar e cada momento é único. Não há ninguém igual, nem um momento igual a outro.

MC: Num processo de desenho rápido – desenhar num metro – é possível fazer retratos, no sentido da prática do retrato como a captura da pessoa retratada?

AJG: A contemplação funciona nos dois sentidos; eu olho a pessoa desenhada e ela olha o seu retratista. Estes desenhos são acerca daquilo que acontece entre estas duas pessoas durante aqueles cinco minutos que o desenho leva a fazer.

MC: O desenho é um lugar do artista ou um lugar de confluência de autoridades?

AJG: O desenho é um lugar do mundo. Desde as paredes do paleolítico.

MC: Existem desenhos que não são efémeros, ou a beleza do desenho é ser um estado de captura?

AJG: De todas as palavras disponíveis, “captura” seria a última que escolheria. Registro, expressão, movimento são outras hipóteses mais adequadas.